6ª EDIÇÃO | DEZEMBRO`24

# FADISTA

www.fadocale.pt

TERESINHA LANDEIRO **ENTREVISTA**

## JOÃO BRAGA

CASA DE FADOS
O FAIA

A ARTE DO BEM DIZER
ANTÓNIO ROCHA

GERAÇÕES DE OURO
FADO DE COIMBRA

UM ABRAÇO CHAMADO FADO
TIAGO TORRES DA SILVA

FACALE DO
JORNAL DO FUNDÃO

Esta revista é parte integrante da edição de 5 de dezembro de 2024 do **Jornal do Fundão** e não pode ser vendida separadamente.

FOTOGRAFIA : AURÉLIO VASQUES

Logo após o 25 de Abril, o fado foi completamente desconsiderado pelo povo português, em parte porque estava associado ao período do chamado "tempo da outra senhora". Era erroneamente visto como uma canção do regime, associação que persiste até hoje quando se aborda a história do fado. Contudo, essa perceção não corresponde à verdade.

O fado começou por ser uma canção que narrava histórias, relatando o quotidiano e a sociedade da época. Baseava-se, acima de tudo, na Poesia Tradicional e no esforço de respeitar ao máximo as regras das rimas, das métricas e das tónicas, construindo verdadeiras obras de arte popular. Os fadistas cantavam nas ruas e nas tabernas sobre o quotidiano, como se fossem cronistas a transmitir notícias e, simultaneamente, a expressar a opinião pública. Por isso, o fado tornou-se, também, numa forma de protesto e de intervenção social.

Com o trabalho realizado para a construção da grande Exposição do Mundo Português de 1940, António Ferro, então ministro da Propaganda, convenceu Salazar e os seus ministros a impulsionar a única música ativa e genuína que realmente representava a cultura popular portuguesa: o fado. O plano consistiu em selecionar uma série de tabernas e investir nelas substancialmente, criando assim os Restaurantes Típicos, onde o fado, como anfitrião, recebia a Gastronomia, o Folclore e, em alguns casos, o Fado de Coimbra. Desta forma, os fadistas foram retirados das ruas. Passaram a existir regras, como a obrigatoriedade de cada fadista cantar três ou quatro fados por apresentação, seguidos de um intervalo para servir os clientes. Sendo apresentações a solo, era também mais fácil controlar e censurar o que se cantava.

Posteriormente, cantar em tascas e tabernas não autorizadas pelo governo foi censurado. Nas coletividades, o fado era permitido, mas sob vigilância da censura.

Foi então que surgiram uma série de fados-canção com temas relacionados com o nacionalismo português, como "Uma Casa Portuguesa", que retrata a humilde casa do "pobre, mas feliz", ou "Abril em Portugal", que exalta Coimbra como "uma lição de sonho e tradição". Contudo, também apareceram canções de teor homofóbico e machista.

O fado, enquanto canção de protesto direto, com palavras dirigidas ao povo como mensagem ao governo, desapareceu. No seu lugar, surgiram as canções de revista, que, nas entrelinhas, criticavam esse processo, como em "O Que Restou da Mouraria" ou o "Fado da Severa", que lamentavam o facto de o fado nas tabernas e nas ruas, onde a expressão popular tinha vida, ter sido "morto". Este tipo de fado passou a ser conhecido como fado vadio.

Mais tarde, novos poetas, muitos deles literários (não populares), como Alexandre O'Neill, José Carlos Ary dos Santos, David Mourão-Ferreira, Manuel Alegre, João Dias, entre outros, começaram a escrever para o fado, especialmente para intérpretes como Amália, Carlos do Carmo e Beatriz da Conceição. Trouxeram ao fado uma poesia mais erudita, repleta de metáforas, numa época em que o povo já possuía maior acesso à educação e cultura. Assim, o fado adquiriu uma forte vertente de intervenção política e social.

*por Hélder Moutinho*

Os fatores históricos acabaram sempre por moldar o desenvolvimento do fado. Primeiro, foi uma forma de comunicação, expressão e desabafo de um povo, mesmo antes da ditadura de Salazar. Depois, serviu como forma de protesto contra a opressão, até ser oprimido pelo próprio regime e, mais tarde, pela libertação desse mesmo regime. No entanto, um género musical que se define como expressão de um povo resiste a todas as suas transformações. Está, assim, em constante evolução e adaptação à alma do povo.

Já foi dado como morto, desprezado pelo seu povo, aquele a quem sempre defendeu e serviu. Adorado pelos emigrantes, que, com saudades, ao ouvir uma guitarra deixavam cair as lágrimas sem contenção. Confundido pelos seus próprios filhos com a música pimba e com outros géneros musicais que nada têm a ver com o fado, mas muito querido pelos habitantes desses mesmos países estrangeiros onde Portugal emigra.

O fado também fala de saudade, de perda, de distância, de desejo de proximidade e das viagens longas.
Pode ser muito triste, feliz e até muito feliz, como todas as coisas da vida. Só não deixa de ser sério, porque retrata a alma de um povo - e isso não se faz a brincar...



## FICHA TÉCNICA

Edição: Fado Cale e Jornal do Fundão
Diretor Jornal do Fundão: Nuno Francisco
Coordenação: Leonel Barata e Diogo Pinto
Design e paginação: Francisca Aranda e Diogo Pinto | Editor: Rui Pelejão
Textos e Revisão: Hélder Moutinho, Teresinha Landeiro, Tiago Correia, Jorge Cravo, João Carlos Oliveira, Tiago Torres da Silva, Leonel Barata, Teresa Fonseca e Rui Pelejão
Tiragem: 8000 exemplares | Impressão: Grafisol | Encarte comercial com Jornal do Fundão
Contactos: Jornal do Fundão | Rua dos Restauradores, L. 14, Loja 1 r/c, 6230-496 Fundão
Telefone: 275 779 350 | Email: redaccao@jornaldofundao.pt | www.jornaldofundao.pt

## ÍNDICE

**Entrevista** João Braga 04
**O Faia** 10
**Arte do Bem Dizer** 12
**História** 14
**Gira-discos** 17
Festival **Amália Rodrigues** 18
**Exposição de Fado** 21
**Paredes-Meias** 22

# Teresinha Landeiro entrevista **João Braga**

Entrevistar o João Braga é como abrir um livro de história. As datas e os pormenores estão guardados na memória, como uma cópia a papel químico.

O que, no início seria uma entrevista, transformou-se rapidamente numa conversa entre dois amigos. Poucas perguntas foram feitas, mas os factos foram surgindo um atrás do outro, e fomos avançando pela vida do João de forma cronológica.

Esta história começa exactamente pelo princípio. Comecei por lhe perguntar o que é que se costumava ouvir em sua casa, quando morava com os pais e os irmãos. Pela forma como o Fado está entranhado no seu canto e na sua alma, esperei que me dissesse que o ouvia desde que nasceu, mas não. O Fado poderia passar por lá, mas não foi desde cedo que o prendeu. Na verdade, as escolhas musicais passavam por outros estilos. Mas já lá vamos.

A sua mãe era pianista e tentou ensiná-lo, mas, pelo que me confessou, não se ajeitava muito bem. Por volta dos 4 ou 5 anos, um grande maestro Genovês ouviu o João falar e anunciou aos seus pais "Questo ragazzo diventerà un cantante". Não se enganou por um segundo. Ainda tentou que o João cantasse cante lírico, mas a sua paixão era o jazz, mais concretamente Louis Amastrong e por exemplo Billie Holiday. Estes discos eram trazidos por Manuel Espinho, amigo de um dos seus irmãos, que trabalhava na TAP e voava para países onde se vendiam estes deleites. Mais tarde, este mesmo rapaz, ficou encarregue de, com as economias que o João tinha no seu porquinho mealheiro, trazer todos os discos de bossa nova que conseguisse comprar com aquele dinheiro.

A paixão pela bossa nova surgiu através de uma revista brasileira, o Cruzeiro, que o pai do João assinava. Foi lá que leu pela primeira vez a descrição do que seria este estilo musical. Vinham descritos encontros musicais entre nomes como Tom Jobim, João Gilberto, Vinícius de Moraes, Baden Powell entre outros, onde pelos vistos partilhavam poemas e composições musicais. "O que mais me cativou foi que eles transcreviam os poemas do Vinícius. Musicavam aqueles poemas e eram cantados por umas cantoras que eu não conhecia. Na verdade, não conhecia nada do que por ali se passava". Cantoras essas a Elis Regina, a Elizete Cardoso, a Nara Leão e por aí fora. Conclusão, tudo o que sabia era o que tinha lido e imaginado, nunca tinha ouvido nem um pouco de bossa nova. Foi através dos discos que o Manuel Espinho comprou, que pode confirmar a sua paixão por este novo estilo musical.

Seguiu-se Paul Anka, Neil Sedaka, Ricky Nelson, Chuck Berry, Brenda Lee, entre outros, todos eles mais dançáveis do que bossa nova ou jazz, porque afinal de contas, um rapaz de 13 ou 14 anos gosta de dançar e de visitar uma outra discoteca. O Rock and Roll também fazia parte das escolhas musicais da altura, "Fui ao capitólio para assistir à estreia de um filme que se chamava "O Ritmo do Século" em Inglês chamava-se "Rock Around the Clock". Foi lá que apresentaram o Billy Hailey e His Comets e também os the Platters. Eu adorava the Platters, tinha os discos todos! No meio disto tudo, eu não gostava era de Fado. Cheguei aos 18 anos e não gostava de Fado. Gostava de uma pessoa que cantava Fado, que era a Amália, mas apenas quando cantava outras coisas".

Com 18 anos morava em Cascais. Uns tempos antes o seu pai tinha considerado que Lisboa poderia ser um local com demasiado acontecimento para três filhos rapazes. "Teve medo das distrações, então achou por bem irmos morar para Cascais". Mal sabia ele, que seria exactamente em Cascais que o João iria iniciar a sua carreira musical.

Foi lá que conheceu um dos seus grandes amigos e grande parceiro de farras, o Francisco Stoffel. Também ele dono de uma voz maravilhosa.

Começaram por se juntar a cantar canções do duo chamado The Everly Brothers, o Chico tocava guitarra e juntava a sua voz à do João. E foi assim que começaram a cantar nas várias festas organizadas pelos Americanos que habitavam a zona de Cascais. "Nós, como entretanto tínhamos idade para esses devaneios, arranjávamos os nossos namoricos com as meninas americanas e como elas nos achavam graça pediam aos pais para tocarmos nas suas festas. Cantávamos as nossas canções Pop e eles gostavam muito." E foi assim que se começou a vislumbrar uma carreira na música.

Lançamento Maio 1970

Numa das vezes que foram sair com as suas namoradas, uma delas, farta de frequentar sempre os mesmo lugares e curiosa para conhecer fado, sugeriu que fossem até ao Galito, no Estoril. Na verdade, elas achavam uma injustiça passarem o tempo todo a ouvi-los cantar as canções dos maiores artistas americanos, que elas conheciam de trás para a frente, mas nunca lhes terem mostrado o que é Fado. Ainda que, com metade do grupo contrariado, lá foram os quatro. "Lá fomos! Chegámos lá e estava bastante gente. De repente havia um tipo que se lançava a cantar, pessimamente, e eu e o Chico com um ar muito chateado... Até que fizeram uma espécie de desgarrada, em que cada um entrava com uma quadra no fado corrido. Ora todos nós sabemos quadras. Então vimos aquela rapaziada cantar com os pés e a sentir com o fígado, e eu disse assim: "Oh Chico, tu sabes umas quadras, eu também, vamos entrar na próxima desgarrada". Perguntei-lhe se já tinha apanhado a melodia, não era difícil, e assim fizemos. Eu sabia 14 quadras e aquilo foi de tal ordem que tive de cantar as 14 quadras 4 vezes, porque cada vez que entrava um grupo novo o dono da casa dizia: "Venham cá ouvir estes miúdos, cantam bem que se farta. E assim foi aquela noite". Claro que lhes foram pedidos mais fados, mas nenhum deles sabia um que fosse.

Um senhor chamado Américo Guerra chegou-se à frente para os ajudar com umas letras para eles aprenderem. " A mim entregou-me o Embuçado e a Moda das Tranças Pretas. Vinham cheias de gralhas e todas baldadas. Decorei-as num instante porque estava habituado a decorar letras em Inglês e voltámos lá no dia seguinte, com as meninas". A verdade é que correu tão bem, que acabou por repetir os únicos dois fados que sabia, vezes sem conta. O Chico foi mais aventureiro e escreveu a sua própria letra, mas só compôs uma. Conclusão, foi o que cantou pela noite fora. Como se diz entre fadistas e músicos, é cantar até aprender. Neste caso num sentido bem literal.

>

Foi então assim, que tudo começou, com 14 quadras na manga e dois fados decorados de um dia para o outro. E era quanto bastasse para encantar o público.

*Foi por lá que conheceu fadistas como Alfredo Marceneiro, Amália Rodrigues, Júlio Peres, Manuel de Almeida. Conheceu também alguns músicos que foram essenciais na sua aprendizagem. Afinal, era através dessas pessoas que se adquiria o conhecimento.* " Conheci um tipo chamado João Ferro Velho, que era um castiço do melhor, e aprendi imensa coisa de fado com ele. Andava sempre acompanhado de fadistas e músicos".

Em 1963, tudo corria de vento em poupa, até que um dia, o João falou com o chefe de sala do Galito e pediu que não servissem durante o fado, para que não se fizesse barulho enquanto as pessoas estavam a cantar. A dona da casa não gostou da exigência e proibiu a entrada destes dois amigos. "No dia a seguir quando lá fomos, tínhamos a entrada cortada. Saímos dali, e eu disse: - Oh Chico vamos até ao Estribo. Já lá foste? Ele respondeu que não. O Estribo era um espaço fantástico em Birre, de um americano chamado César, que o criou com o intuito de dar um suporte lúdico aos americanos que moravam naquela zona. Tinha um picadeiro no meio, tudo construído em madeira, com um estilo meio rústico. No entanto, os americanos, tal como as nossas namoradas, queriam era coisas portuguesas. Conclusão, aquilo estava sempre às moscas".

Nesse dia em que rumaram em direção ao Estribo, o futuro deles e o de César estava prestes a mudar. Depois de o dono da casa confessar que os estrangeiros não apareciam porque queriam ir ouvir fado para Lisboa, o João apresentou-lhe a solução, "Queres encher isto amanhã? Começa a dar fados. Não te preocupes com nada, dá-me só autorização, a mim e ao Chico e nós tratamos de tudo. Tens algum croqui para mostrar às pessoas onde isto fica?" Ele lá me arranjou o papel, e o Chico era muito bom para o desenho e desenhou uma data de papéis daqueles e fomos para a porta do Galito. Como não podíamos entrar, ficámos à porta. Apareceu o João Ferro Velho, expliquei o que se tinha sucedido com a gerência do Galito e pedi-lhe ajuda para arranjar dois músicos para o dia seguinte, para tocarem no Estribo. E assim foi"

Ficaram ali, a entregar os papéis que anunciavam a noite de Fados do dia seguinte, mesmo à porta da concorrência. Desviaram todos os clientes habituais para o evento que estavam a organizar, e foram convocando todos os fadistas amadores que ias surgindo.

A propaganda foi tanta, que a noite de Fados foi um sucesso. A casa encheu pelas costuras. Havia uma fila descomunal para entrar. O João e o Francisco Stoffel foram acompanhados pelo Zeferino Ferreira na guitarra portuguesa, e por um viola chamado Salsa. E a partir daí, todas as noites foram um sucesso. "O verão de 63 foi assim de perder a cabeça. As noites eram uma loucura".

O Estribo começou a ser frequentado por fadistas de renome. *O João recordou duas noites específicas, uma em que esteve presente a Maria Teresa de Noronha e outra em que apareceu a Amália.* "Primeiro houve uma noite em que a Amália apareceu e cantou e depois houve outra noite em que apareceu a Maria Teresa de Noronha e cantou também. Ela cantou lá fora porque era tanta gente que não podia cantar lá dentro. Estava calor demais, então assim foi, cantou lá fora e ficaram todos calados a ouvir. Enfim, uma maravilha". A casa tinha os melhores músicos e noites de Fado maravilhosas. Nessa altura, o João já se tinha rendido totalmente ao Fado e a toda aquela magia.

Como muitas vezes acontece, o que é bom acaba depressa. O dono da casa arranjou novos sócios e as coisas começaram a dar para o torto. Afinal de contas, a dupla de fadistas não recebia mais do que umas bebidas de borla e umas refeições oferecidas, em troca dos fados que cantavam e tocavam. No entanto, um dos novos sócios achou por bem saldar todas as contas que foram oferecidas ao longo do tempo, sem compreender, que assim sendo, teria de pagar todos os cachets que não foram pagos. Feitas contas, o Estribo, ao ver que teria de devolver muito dinheiro aos dois rapazes, achou por bem pôr todas as contas para trás das costas. No entanto, ofendidos com a quebra da promessa feita, os dois fadistas decidiram que não voltariam a cantar naquela casa. "O César abriu o isqueiro e queimou o registo de todas as contas que havia. Despedi-me deles e nunca mais lá pus os pés. E o Chico a mesma coisa, nunca mais lá pôs os pés".

Mas mais uma vez não ficaram por aqui. Depois do sucedido no Estribo, foram beber um copo para aliviar um pouco a tensão e foi exatamente nesse dia que descobriram o próximo sítio que viria a ser o seu novo poiso e o novo sucesso das Casas de Fado. Deram-lhe o nome de Cartola e situava-se na cave de um bar que já existia em Cascais, chamado Tridente. Ligaram novamente para o João Ferro Velho para que os ajudasse a arranjar um músico que tocasse guitarra portuguesa e foi aí que conheceram um jovem muito talentoso "um rapaz que tinha vindo de Beja há pouco tempo, com uma poupazinha no cabelo preto liso, gravata, muito magrinho, chamado Carlos Gonçalves. Tocava... não tinha nada a ver com o que nós estávamos habituados para aí. Era um espetáculo."

Mais uma vez, desviaram o público e os fadistas que frequentavam o Estribo para a Cartola, e as noites foram ficando cada vez mais maravilhosas.

No entanto, a vida continuou a acontecer, e o caminho do João mudou novamente. "Os meus irmãos foram para a tropa, e viemos para Lisboa. Os meus pais compraram uma casa na Junqueira, e, pronto, viemos para Lisboa. E eu passei a ir cantar na Taverna do Embuçado."

Em 1966, foi o ano em passou a fazer parte do elenco da emblemática casa de fado, A Taverna do Embuçado, que pertencia ao grande fadista João Ferreira Rosa. Aceitou integrar o elenco nas mesmas condições em que estava no Estribo, cantava e em troca comida e bebia o que queria, sem pagar, e que grande sorte, porque esta era a única casa de fados que tinha 5 garfos.

> *Saíamos, éramos para aí 30, ou coisa que o valha, e quando chegávamos ao Largo do Chafariz de Dentro, éramos 200, porque a malta ia se juntando.*

Este foi um passo muito importante na carreira do João. Embora, no Estribo e no Cartola, aparecessem grande nomes do Fado e até tivesse tido a oportunidade de conhecer algumas das suas maiores referências, foi na Taverna do Embuçado que surgiram as grandes oportunidades. "Ainda por cima estava lá a cantar a Beatriz da Conceição, a Teresa Tarouca, o António Mello Correa, a Teresa Silva Carvalho, a Celeste Rodrigues e o próprio João Ferreira Rosa. Oh Teresinha, aquilo era uma casa fabulosa". Para além dos fadistas e dos músicos, passou a conhecer, também, alguns poetas como o Manuel de Andrade, o Vasco de Lima Couto. No fundo, foi como mergulhar num mundo onde a arte acontecia diante dos seus olhos, todas as noites. " Oh Teresinha, foi a casa mais fabulosa que houve. Tocavam os melhores guitarristas. Inicialmente o José Nunes na guitarra portuguesa e o Castro Mota na viola. Depois vieram outros como o Fontes Rocha e o Paquito. O Chico Stoffel também veio comigo para o Embuçado, também la cantava. Infelizmente foi só nesse verão, porque morreu em Setembro de 66". Infelizmente, em 1966 o João perdeu dois grandes amigos no mesmo dia. Foi o seu primeiro grande desgosto. No dia em que partiu o Francisco Stoffel morreu, também, o Manuel de Andrade.

Ainda que, sem o seu companheiro de farras, as noites de fado foram seguindo e o João esteve presente em diversos momentos importantes e marcantes para a Taverna do Embuçado. Assistiu ao resgate da mesma, quando esta, de forma sigilosa e desleal, foi roubada a João Ferreira Rosa pelo seu sócio. Mas a verdade foi restituída e a casa foi tomada por músicos, fadistas e habitués das noites de fado. E assim, a Taverna do Embuçado voltou a funcionar e a proporcionar noites maravilhosas a todos.

O João, recorda com saudade, várias noites que ali viveu. Noites que seguiam pela madrugada, protagonizadas por ilustres como Amália Rodrigues, Vinícius de Moraes, o Alfredo Marceneiro, a Celeste Rodrigues, entre tantos outros nomes maravilhosos. Noites essas, que por vezes acabavam no Largo do Chafariz de Dentro, com muitas das pessoas do bairro de Alfama a assistir. Saiam do Largo das Alcaçarias a tocar e a cantar e iam angariando ouvintes pelo caminho à medida que passavam sob as janelas dos quartos de quem já descansavam. Então, alguns Alfamenses desciam de pijama e de robe para assistir às maravilhas que aquelas vozes ofereciam. "Saíamos, éramos para aí 30, ou coisa que o valha, e quando chegávamos ao Largo do Chafariz de Dentro, éramos 200, porque a malta ia se juntando. Elas em camisa de noite, eles em pijama atrás de nós a cantar e os guitarristas a tocar... Era uma paródia" Foi por ali que conheceu muitas das pessoas que se tornaram importantes no seu caminho. Era o ponto de encontro para muitos artistas, quer do meio da música, quer de outros meios.

Foi precisamente no ano de 1966 que o João gravou os primeiros discos, no entanto só começaram a ser lançados em 67. O seu percurso pelas casas de fado foi notório, no entanto, o percurso junto das empresas discográficas foi também algo realmente impressionante. No mesmo ano, editou a módica quantia de 5 discos, uma verdadeira loucura. O primeiro foi lançado em Janeiro, o segundo em Fevereiro, o terceiro em Abril, o quarto em Junho e o último em Dezembro. "A editora a encher-se de dinheiro, e a mim nem um tostão. Conclusão, no ano seguinte fui gravar para a Philips com um contrato incrível. Ninguém imagina o contrato que eu tinha. Naquele tempo, só por estar a gravar para lá, fora os royalties, davam-me 10 contos por mês. Mesmo que eu não gravasse disco nenhum, aquele valor era garantido. Mas eu gravava. Tanto EP's como LP's, estava sempre a gravar."

As gravações não paravam e as apresentações por diversos palcos, incluindo a televisão, também não. Ainda assim, entre discos e concertos, foi sempre estando presente no Embuçado, continuando a fazer parte do elenco e abandonando-o apenas no ano em que se casou, em 1971.

Em simultâneo, foi desenvolvendo os mais variados projectos. A sua paixão pelo jazz, da qual vos falei logo no início, motivou-o a realizar um dos grandes festivais de Jazz do nosso país. Em 1968 conheceu Luís Villas-Boas, e é convidado a ajudar na organização do 1º Festival de Jazz de Cascais, que contou com nomes gigantescos da indústria da música. Foi um enorme sucesso.

Enquanto ouvia o João contar muitas das suas histórias e conquistas passaram-me pela cabeça variadíssimas perguntas que gostava de fazer, mas ao mesmo tempo, há sempre receio que a pergunta possa não ser suficientemente boa ou não ser adequada. Mas, confesso, que por impulso, saiu-me uma, que na verdade, pode ser muito difícil de responder e pode até ser ligeiramente redutora, dada a carreira bonita do João: Sabe dizer-me qual terá sido o ponto alto da sua carreira?

E o João mostrou-me por A mais B que não há apenas uma resposta, muito menos uma resposta correcta. Com muita graça começou por me dizer: "Eu acho que o ponto alto da sua carreira foi um espetáculo em que eu participei no Porto no dia 24 de Outubro de 2024". Rimo-nos os dois porque este foi um concerto organizado por ele para homenagear o poeta Pedro Homem de Mello, do qual fiz parte, juntamente com o Pedro Moutinho, a Katia Guerreiro, o Ricardo Ribeiro, a Maria Ana Bobone. *Eu ri-me porque, com a quantidade de concertos e momentos maravilhosos que o João já teve oportunidade de viver, não me passaria pela cabeça que a resposta pudesse envolver a minha presença.* Claro que a resposta dada pelo João foi para efeitos de humor e para se meter comigo. Mas ao mesmo tempo pensei cá para mim, que o ponto alto de uma carreira pode simplesmente corresponder à última coisa que fizemos, quando já fizemos quase tudo, ou mesmo tudo o que haveria para fazer, e mesmo assim, passados quase 67 anos, a carreira continua a acontecer.

Depois de pensar um pouco, o João contou-me que um dos concertos mais importantes e emotivos que teve foi em 2006. Foi um espetáculo que organizou na Aula Magna, logo após sua intervenção cirúrgica ao coração, realizada pelo Professor José Fragata. No fundo, este espetáculo simbolizava o seu regresso, então deu-lhe o nome "De alma e coração", e decidiu abri-lo a cantar a famosa canção de António Variações "O Corpo é que paga" em dueto com o Miguel Ângelo e Miguel Guedes.

Esta, como muitas outras apresentações do João, contou com a presença de novas vozes do Fado, vozes essas, que naquela altura, eram ainda desconhecidas do grande público, e que o João divulgava de forma bastante generosa. Aliás, o João Braga sempre foi conhecido por dar a mão aos mais jovens a quem revia talento. Foi o impulsionador de muitos talentos, ajudando-os a compreender o que é o Fado, a construir repertório e, posteriormente, a apresentá-los ao Mundo.

Perguntei-lhe quando é que percebeu que poderia ter um papel diferente no Fado, deixando de ser apenas um interprete e compositor, ao que ele me respondeu contando uma história muito engraçada. "Foi uma vez que entrei nesta sala, eram 2h e tal da manhã e estavam aqui esparramados os meus filhos com amigos e amigas deles. Isto foi em 1989, um tinha 17 e outro 14 quase 15. Pedi que não fizessem barulho porque me ia deitar e um dos miúdos disse para ficar ali um pouco com eles, caso não tivesse de me deitar já. Começámos a conversar e uma das meninas perguntou-me se eu ainda cantava. Eu tinha 44 anos e já tinha o cabelo branco, mas não era assim tão velho. Disse-lhe que ainda cantava e que esperava cantar por muitos mais anos. A menina ficou muito aflita e disse que não sabia dessas coisas porque não ouvia fado. Então perguntei-lhe o que ouvia. Ela lá respondeu o que ouvia e eu comentei que eram porcarias. Ela achou que era uma questão geracional e que eu não entendia os gostos deles. Então perguntei se conhecia Jason Mraz e os Evanescense, ao que eles responderam que não. Conclusão, disse-lhes que afinal eles não conheciam boa música do tempo deles. Por fim, perguntei à menina que achava que eu já não cantava, se gostava de fado, e ela disse-me que não porque era música de velhos. Explicou-me a sua opinião e eu expliquei-lhe a minha. No entanto, quando acordei no dia seguinte pensei cá para mim, que talvez ela tivesse razão, porque afinal de contas eu era o mais novo da minha geração e tinha 44, não era um jovem. Posto isto, comecei a pensar que tinha de fazer algo para trazer novas vozes."

E assim fez, apenas a pensar no Fado, na sua renovação, e na sua continuidade, deu a mão a diversas vozes, que foram aparecendo ao longo do tempo. E essa, é para mim, a par do repertório eximiamente escolhido, uma das maiores marcas que o João deixa na história do Fado. *A forma altruísta como se dedica a ele, até aos dias de hoje, sem lhe pedir nada em troca, é uma peça fundamental para a construção do Fado como o conhecemos. Deu-lhe a dimensão e a jovialidade de que precisava a dada altura.*

*É um apaixonado pela lírica, pelos grandes poetas e pela beleza das melodias. As palavras, usa-as com muito cuidado e respeito e isso é comovente e muito inspirador.*

**É um fadista que ficará preservado na história do Fado por todos os fados que cantou e por todos aqueles que ajudou a que fossem cantados.**

BIOGRAFIA
TERESINHA LANDEIRO

*Teresinha Landeiro é uma fadista portuguesa, conhecida por sua abordagem contemporânea ao fado. Cresceu em Azeitão onde começou a interessar-se pela música tradicional portuguesa ainda na infância. Com 12 anos visitou uma casa de fado pela primeira vez, e desde aí nunca mais parou. Foi nas casas de Fado que aprendeu o que hoje sabe, e onde conheceu fadistas e músicos de todas as gerações.*

*Em 2018 lançou o seu primeiro álbum "Namoro", em 2021 o segundo "Agora", que reflete a sua visão moderna do fado, mesclando elementos tradicionais com letras que exploram temas pessoais e do quotidiano. Em 2024, lançou o seu mais recente disco "Para Dançar e Para Chorar" que conta com a presença de diversos compositores. Teresinha é também uma letrista talentosa, escrevendo muitas das suas próprias canções, e compondo para outros fadistas.*

*Reconhecida como uma das vozes promissoras do fado, Teresinha Landeiro continua a conquistar público dentro e fora de Portugal, renovando a tradição sem perder suas raízes.*

# oFaia

casa de fado desde 1947

**Fundado em 1947, O Faia é, até aos dias de hoje, uma referência da noite lisboeta. Começou por ser um negócio familiar, e assim se manteve até 1980, altura em que Carlos do Carmo, que então o geria, decidiu vendê-lo.**

António Ramos foi, nessa altura, contratado para trabalhar no bar e, poucos anos depois, foi convidado a fazer parte da sociedade. Em meados dos anos 90, assume, com os dois filhos, Pedro e Paulo, os destinos d' O Faia, que volta a cumprir o seu Fado: ser uma casa de família, a da família Ramos.
O pai e os filhos lá estão todas as noites, dando atenção a cada detalhe, fazendo aquilo de que mais gostam com a paixão de sempre: receber em sua casa.

Em mais de 70 anos de existência, com noites de Fado diárias, grandes nomes foram aqui presença habitual – desde logo, a sua fundadora, Lucília do Carmo, figura importante na História do Fado, bem como o seu filho, Carlos do Carmo.

Mas aqui também cantaram nomes como Alfredo Marceneiro, Tristão da Silva, Fernando Maurício, Ada de Castro, Beatriz da Conceição, Vasco Rafael, Camané, Ricardo Ribeiro entre outros.

Atualmente, as presenças de Lenita Gentil, António Rocha, Ricardo Ribeiro, Diana Vilarinho, Beatriz Felício, Maura Airez e Luís Matos acompanhados por Paulo Ramos na viola e Eurico Machado, Francisco Pereira ou Mike Martins na guitarra portuguesa, dão provas indiscutíveis da continuidade dessa tradição.

O equilíbrio entre a experiência cultural de uma noite de Fados e a cultura gastronómica que com ela melhor se harmoniza é uma tarefa quotidiana n'O Faia. Aromas e sabores que se descobrem numa cozinha criativa e contemporânea sem esquecer a tradição e o respeito pela cozinha portuguesa.

O talento e dedicação do Chef Pedro Pereira criam pratos a partir de bases, marinadas, caldos e temperos de sempre, que se conjugam com a excelência e frescura dos produtos da estação.

Na Carta de Vinhos, onde estão representadas todas as regiões produtoras do país, e que abarca os mais importantes produtores nacionais e as castas mais representativas de cada região, encontrará o complemento perfeito para a sua refeição.

**Aberto de Segunda a Sábado**
**19h30 - 01h00**
(encerra ao Domingo)

**CONTACTOS**
Rua da Barroca, 54-56
Bairro Alto 1200-050 Lisboa
Tel.: *+351 213 426 742*
Fax.: *+351 213 421 923*
Email: *info@ofaia.com*

# Tiago Correia convida António Rocha

## A Arte Do Bem Dizer – Capítulo 1

**Parceria APAF & AFC**

Estar à conversa com António Rocha, um dos maiores fadistas e poetas de sempre, não deixa margem para dúvidas: é um privilégio. Maior ainda, se a conversa for em torno das próprias características do Fado, as métricas dos poemas, as silabas tónicas. O caminho que o Fadista tem que dar ao poema que interpreta num casamento que deve acontecer com a melodia que se canta. O entender aquilo que se canta, antes de se cantar. Todas estas noções contadas em viva-voz por António Rocha, que se estreou profissionalmente em 1956, num tempo em que o público "*ia ver como o fadista dava a volta ao poema e o improvisava sobre a melodia*", revela-nos. A Associação Portuguesa dos Amigos do Fado em parceria com a Associação Fado Cale tem o prazer de vos apresentar: **A Arte de Bem Dizer #1 com o convidado António Rocha.**

Não poderíamos começar esta conversa, onde nos enquadramos na importância das regras poéticas do Fado e a sua importância no cantar dum fadista, de forma mais prática como a que António Rocha nos fez: "As quadras, quintilhas e sextilhas têm 7 sílabas em cada verso, os decassilabos têm 10 silabas, o Alexandrino tem 12 silabas (6+6), mas isto não pode ser contado por sílabas gramaticais, porque muitas das vezes quando se escreve contando as sílabas gramaticais, os versos acabam por ser curtos ou compridos demais para se cantar". Diz-nos ainda que muitas das vezes se diz que as Sextilhas têm tónica à 3ª, mas é de opinião que as tónicas se enquadram com a melodia que se está a cantar. E dá-nos o exemplo do Fado Três Bairros com o poema Alfama que Fernando Maurício cantava na Marcha do Correeiro. "Eu nunca poderia cantar no Três Bairros, Alfam(a) com a tónica à 3ª. Mas sim Alf(a)ma acentuando a tónica à 2ª e não estrago a música, e daí nasceram os estilistas pela sua capacidade de improviso". António Rocha destaca a importância que tinha na época em que se estreou, a capacidade de dar a volta ao poema, dentro duma melodia, e que o público de Fado se concentrava nas casas de Fado à procura da forma como o fadista improvisava, muito antes de estar atento à sua voz. E considera que nesse sentido, a transformação foi grande.

António Rocha tem centenas de poemas que escreveu ao longo dos seus quase 70 anos de carreira. Poemas como "Fui Dizer-te Adeus ao Cais", "Silêncio Ternura e Fado" ou "Resta-me a Esperança". No entanto a sua escrita poética nunca necessitou de contagem. "Não conto, é automático, sigo o poema por intuição musical, da melodia que conheço. É mais difícil não contar para quem não conhece de tão perto as melodias", e dá-nos outro exemplo do quanto é importante entender as melodias até para que as silabas obedeçam à regra principal: Casar com a melodia que se canta. "Tu quando te zangas, di(zes)", tem 8 sílabas, sendo que a última é surda, ou seja, a forma como os versos são ditos pode fazer crescer o número de silabas para lá das 7, correspondente em determinados fados.

Os Fados Tradicionais têm, para António Rocha, uma forma muito simples de se caracterizar. "*São quadras, quintilhas, sextilhas, decassilabos e alexandrinos e quando a primeira estrofe de uma delas é cantada, repete-se melodicamente em todas as outras estrofes*". E ainda nos diz "depois todos os outros que têm couplé e refrão, nós chamamos de Fado-Canção. Questionado sobre alguns fados suscitarem dúvidas para muitos de nós de sobre serem tratados por Fados Tradicionais ou não, foi lhe dado o exemplo do Fado Loucura da autoria de Júlio de Sousa, que tem refrão e que muitos dizem ser um Fado Tradicional, ao que António Rocha, respondeu: "*O Fado Loucura tem um refrão, não é um fado tradicional, mas é um clássico, como o Leio em teus olhos, ou como os fados de Alain Oulman que hoje são autênticos clássicos*".

*A compreensão musical e poética dos Fados é o fator que mais importa a António Rocha para a interpretação de Fados.*

*No campo musical, António Rocha afirma que o Fado "tem um ritmo próprio. Se eu cantar a Marcha do Alfredo Marceneiro mas se a pedir em Bolero, por muito que a melodia seja aquela, eu não estarei a interpretar um Fado, mas sim um bolero, porque o ritmo da música assim mo indica e a interpretação terá que ser diferente".*

É aí que António Rocha destaca a grandiosidade dos ouvintes do Fado no tempo em que começou. O público "ia ver como o fadista dava a volta ao poema e o improvisava sobre a melodia" e ainda perceber "*como é que cada fadista com um mesmo poema dava a volta de forma diferente*".

Em 1959, António Rocha era consagrado Rei do Fado Menor num concurso realizado no Café Luso. Sobre a importância deste Fado, destaca as suas particularidades: "*O Fado Menor não tem nenhuma melodia própria, há aquelas melodias que são conhecidas e que as pessoas se cingem à melodia, mas no Menor cada estrofe leva-nos para um improviso diferente. Conforme o poema que estamos a cantar assim a melodia pede. E assim esses fados, como o Menor, o Corrido e o Mouraria podem às vezes ser cantados em qualquer tom, porque depende do improviso que o Fadista dá ao poema que ali está*".

De estrofe para estrofe tem que se construir um caminho e para António Rocha "*as palavras têm musicalidade*" e essa musicalidade das palavras que se deve acompanhar é a particularidade do Fado. António Rocha dá-nos o exemplo do eterno "Fui dizer-te adeus ao cais" que escreveu e que foi um enorme sucesso na voz de Fernando Maurício cantado no Fado Porto. "Eu gravei mais recentemente na Marcha do Alfredo Marceneiro, isto porque há muitos anos iam pessoas ao Nono (antiga casa de Fados) e perguntavam se eu não podia cantar o Fui Dizer-te Adeus ao Cais e eu cantava na Marcha do Marceneiro e eles queriam era que eu cantasse a mesma melodia do Fado Porto para fazer comparações, mas nós no nosso tempo apreciávamos e fazíamos de tudo para sermos diferentes uns dos outros. Podia acontecer o caso de um fadista ter uma voz parecida com a de outro, mas quando isso acontecia, esse fadista fazia de tudo para cantar um reportório diferente e original, para que se distanciasse do fadista que "fazia lembrar" e remata com uma quadra dizendo "*Quem imitar convencido / Que vem triunfar de pronto / Sujeita-se a um confronto / Onde já entra vencido*".

Para António Rocha mesmo cantando repetidamente um mesmo poema, nunca consegue fazê-lo da mesma forma, porque a maneira de o interpretar é natural e segue o caminho do momento que o interpreta. "*Não é intencional, eu não sei o que vai sair, o que vai acontecer, o mais importante é servir o poema, e se eu fizer sempre o mesmo e for intencional, deixa de ser espontâneo, e passa a ser massudo de se escutar*". E cita Conde Sobral que lhe dizia "*Vocês (fadistas), são como os toureiros, nós andamos uma época inteira atrás dum toureiro em corridas diferentes, numa tarde ele faz 3 ou 4 passos que valeram o ano inteiro. E vocês a cantar uma noite, começam a cantar e fazem uma coisa que valeu por todo o tempo que viemos ouvi-los, embora cantem sempre bem, porque quem canta bem não sabe cantar mal, pode é cantar menos bem*". Conde Sobral (1910 - 1969) é autor de inúmeros fados, inclusive um poema no Fado Menor, eternizado por António Rocha que se intitula "A Minha Estrela".

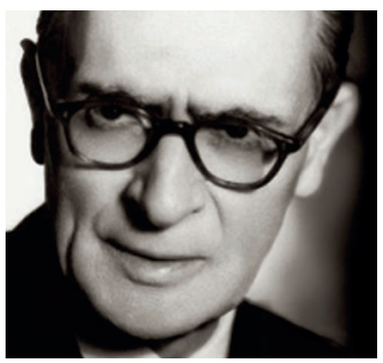
António Rocha conclui esta nossa conversa com a importância que deve ter para um fadista entender o poema que está a cantar e que a divisão das palavras deve seguir um sentido de musicalidade e dá-nos o exemplo do poema que lhe foi entregue para cantar no Fado Vitória no Concurso Ecos de Portugal, em 1953. "A sextilha começava assim: Quem sofreu alguma vez / A injúria sabe talvez / O Mal que este mundo tem. E eu dividi "*Quem sofreu alguma vez (a injúria) / Sabe talvez o mal que este mundo tem*". E explica-nos o sentido para essa divisão: "*Não é a injúria que sabe o mal que este mundo tem, é quem sofreu a injúria é que sabe talvez o mal que este mundo tem. E os curiosos ficaram interessados quem me tinha ensinado isto. Mas eu não estudei isto. É intuitivo. É compreender. E a compreensão aprendi-a com um professor da escola no tempo da instrução primária. E ficou-me, mas também poderia não ter ficado. Mas antes de cantar, eu tento entender o que canto*".

**É da fundamental importância que testemunhos como o de um fadista com a história de António Rocha, com o conhecimento e a compreensão poética e musical do Fado fiquem escritos e registados para memória futura. Assim é o Fado e a compreensão da canção nacional na viva-voz duma das suas maiores referências, um dos maiores fadistas de sempre.**

# Nótula sobre as três gerações de oiro da **Canção de Coimbra**

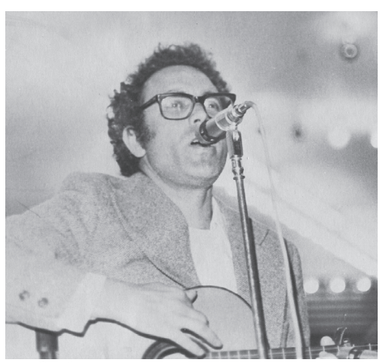
*por Jorge Cravo*

António Menano



Eduardo Bettencourt

Luiz Goes



José Afonso

Adriano Correia de Oliveira

José Miguel Baptista

Na Canção de Coimbra (CdeC) do século XX destacaram-se três gerações pelo contributo qualitativo que deram a este género musical.

**Geração dos Anos 20**

Constituíram a Primeira Geração de Oiro da Canção de Coimbra: António Menano (1895-1969), Edmundo de Bettencourt (1899-1973), Lucas Junot (1902-1968), Paradela de Oliveira (1904-1970) e Armando Goes (1906-1967).

*António Menano, com influências do bel canto, colocou a CdeC num elevado grau de erudição, surgindo um Canto de Salão ao lado do Canto de Rua.*

**Edmundo de Bettencourt** (EB) recorrendo a canções populares de várias regiões do País recuperou a forma de cantar popular ligada ao povo de Coimbra. É ainda com EB, igualmente poeta, que se assiste ao elo entre o movimento literário presencista – do segundo modernismo literário português – e a CdeC, através da inclusão, neste género musical, de alguns princípios presencistas, tais como: o da Individualidade (como culto do "eu"), o da Originalidade (o artista deve ser original e esta característica deve sustentar toda a obra de arte) e o da Autenticidade (o artista deve ser ele próprio, longe de qualquer teatralização do acto de cantar, e a obra tem de reflectir a sua personalidade). *Princípios estes que caracterizam a Escola Presencista de EB, surgindo, assim, o Modernismo na CdeC, plasmado num Primeiro Novo Canto!*

Se **Lucas Junot** e **Paradela de Oliveira** reforçavam uma linha mais tradicional, coube a Armando Goes (AG), acompanhado à viola, o pioneirismo na gravação de Sonetos (três), numa declarada intenção de inovar o discurso estético-musical da CdeC, assim como também o fez EB (um). Ao contrário das duas quadras em redondilha maior, o Soneto, ao apresentar duas quadras e dois tercetos e métrica decassílaba, tornava-se experimentalmente mais aliciante, exigindo uma interpretação vocal mais arrojada para a época e um acompanhamento instrumental mais alongado.

**Geração dos Anos 50**

José Afonso (1929-1987), Fernando Machado Soares (1930-2014), Fernando Rolim (n. 1931) e Luiz Goes (1933-2012) constituem a *Segunda Geração de Oiro da Canção de Coimbra.*

Foi tão sério o reaprender do discurso estético-musical de EB que a sensibilidade de Machado Soares buscava o reencontro com o que de mais popular lhe chegava e José Afonso, partindo da matriz clássica, mas procurando libertar-se da guitarra como acompanhamento, recuperava a viola para essa função – na esteira de AG e EB – e relançava a Balada.

*Igualmente Luiz Goes olhava para EB como o seu "farol" na CdeC, destacando-se, não só, na gravação de Sonetos, mas em excelentes interpretações de temas tradicionais, populares ou originais no disco "Coimbra Quintet."*

**Fernando Rolim** foi quem mais se manteve fiel à matriz clássica, mas o seu legado discográfico reforça a sua importância nesta geração.

No entanto, não é possível olvidar Augusto Camacho (1924-2018) que, embora estudante dos anos 40, gravou o seu primeiro disco em 1953, quando quintanista de Medicina. Mas mais importante foi o EP "Fado de Coimbra – Dr. Augusto Camacho", editado em 1958, que marca a primeira presença da guitarra de Carlos Paredes (1925-2004) em gravações com um cantor de Coimbra. Para além das introduções e dos separadores serem autênticas parcelas de variações, o seu acompanhamento catapulta todo o mosaico musical para um nível de execução que ainda não havia acontecido na CdeC!

**Geração dos Anos 60**

Os anos 60 foram riquíssimos em termos de criação de novas linguagens poético-musicais para a CdeC. Face ao volume discográfico daquela época e ao número de cultores de qualidade que nela se revelaram, não será despropositado designar aquela geração como a Terceira Geração de Oiro da Canção de Coimbra.

*É possível avançar com três correntes de orientação pelas quais esta Canção evoluiu: por um lado, o Movimento das Baladas (com José Afonso como principal mentor); por outro lado, o Movimento das Trovas (com Adriano Correia de Oliveira [1942-1982]); e, ainda, a renovação da linha mais tradicional: com o Ciclo dos Melos – irmãos Eduardo de Melo (n. 1939) e Ernesto de Melo (n. 1944) – entre 1960 e 1965; o Ciclo Nuno Guimarães (1942-1973) que decorreu entre 1965 e 1968; e o Ciclo Goesiano (1967-1983) de um Luiz Goes que, desde Janeiro de 1959 já radicado em Lisboa, reaparece.*

**O Movimento das Baladas**

José Afonso foi o grande responsável pela renovação formal, estética e temática da Balada, com um forte lirismo, fruto do recurso ao nosso Cancioneiro Popular que o conduziu a formas tradicionais muito próximas da nossa Poesia Trovadoresca e pela criação de alguns temas rente ao Surrealismo – grande novidade na CdeC! Por outro lado, com a sua filosofia existencialista e a sua capacidade artística de intervenção política, acabou por influenciar toda uma linha de contestação ao Estado Novo lançando as bases para o Movimento das Baladas.

**O Movimento das Trovas**

Em Coimbra, durante a década de 60, paralelamente ao ascendente da Esquerda nos destinos da AAC, alguns cultores da CdeC tomaram consciência de que esta poderia ser uma arma de "arremesso" de palavras e denúncias no combate político. O Canto de Resistência teve, então, como seu principal "cantor de serviço" na Academia de Coimbra, Adriano Correia de Oliveira – sem esquecer a guitarra de António Portugal (1931-1994); a Trova foi a fórmula revolucionária encontrada pelos estudantes para a difusão de novas mensagens e a poesia de Manuel Alegre (n. 1936) a bonita conjugação da palavra de intervenção social e política com música.

**A renovação da linha mais tradicional**
**O ciclo dos Melos**

De entre aqueles que fizeram tal renovação (outros houve que se mantiveram na linha mais clássica da CdeC, como Barros Madeira [1934-2021], Lacerda e Megre

(filho) [1939-2021], Fernando Gomes Alves [n. 1941], João Farinha (pai) [1945-2012] e Casimiro Ferreira [1937-2018]), *merece destaque José Miguel Baptista (n. 1942) que, fruto das guitarras dos irmãos Melo, deu à estampa o EP "Balada dos Sinos" e o LP "Portugal. Fados from Coimbra", nos quais o recurso a dissonantes e novas harmonias anunciavam uma criatividade e um talento invulgares ao ponto de os discos terem sido catalogados, por ouvidos demasiadamente sensíveis, como musical e instrumentalmente desafinados!*

**O ciclo Nuno Guimarães**

Ao Ciclo dos Melos, seguiu-se o Ciclo Nuno Guimarães, guitarrista, compositor e poeta, que desenvolveu uma temática musical e textual original, gravada nas vozes de António Bernardino (1941-1996), José Manuel dos Santos (1943-1989) e Mário Soares da Veiga (n. 1945).

Renovação não só numa lírica de grande depuração da palavra, com poemas longe das duas quadras e algum sentido interventivo, mas também, no acompanhamento, com a guitarra a permitir a primazia da viola em algumas passagens instrumentais no âmbito de novas melodias e harmonias, mas que não fugiam à matriz coimbrã.

**O Ciclo Goesiano**

Nos finais da década reaparece Luiz Goes que abriria o Ciclo Goesiano (1967-1983). Surgia, assim, a Escola Goesiana, como depositária de um Neo-Modernismo na CdeC, caracterizada por uma universalidade temática de forte humanismo, uma intenção vocal perfeccionista, uma forte ligação da música à poesia e um profundo diálogo entre os instrumentos e a voz, surgindo um Segundo Novo Canto na Canção de Coimbra. Foi o álbum "Canções do Mar e da Vida" (1969) que nos revelou um Luiz Goes atento ao mundo que o rodeava com as suas primeiras incursões na temática social e de intervenção.

**Tempos finais**

No balanço final dos anos 60, António Bernardino reaparece num disco de grande importância no decorrer da Crise Académica de 1969 – o LP "Flores para Coimbra" (1969) – com poesia de Manuel Alegre e um belo poema de autoria do lente de Direito, Orlando de Carvalho (1926-2000).

Importa, igualmente, falar de Armando Marta (1940-2007), estudante cantor dos anos 60, com gravações naquela década (algumas de originais), mas que voltaria a fazê-lo, em 1971, gravando um EP com quatro temas de sua autoria, músicas do viola Durval Moreirinhas (1937-2017) e um trabalho notável para uma só guitarra – a de António Andias (n. 1946) – e com uma particularidade: o disco intitulava-se "4 Canções de Coimbra"! Também Luiz Goes grava o seu terceiro LP "Canções de Amor e de Esperança" (1971) no qual reforça o seu estatuto de cantautor.

Em suma: ao considerar os 100 anos do século passado da CdeC, cerca de 30 anos foram do mais produtivo em termos de originalidade e criatividade no âmbito de novas linguagens poéticas e musicais rumo à contemporaneidade deste género musical!

*Biografia Jorge Cravo*

*Biografia: Cultor da Canção de Coimbra, Bibliotecário na Biblioteca Municipal de Coimbra, autor do livro 'Sobre a Canção de Coimbra' (Junho 2024), autor de vários artigos sobre a Canção de Coimbra em jornais e revistas. Discografia: Canções d'Aqui (1989), Folha a Folha (1999), Canções d'Inquietude (2005), Canções d'uma cidade e d'um rio (2010)*

Ouça aqui:

Ouça aqui:

Ouça aqui:

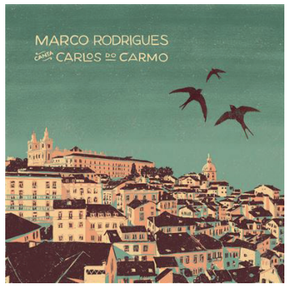
Ouça aqui:

Ouça aqui:

Ouça aqui:

Ouça aqui:

Ouça aqui:




Ouça aqui:

Ouça aqui:

# Um Abraço chamado Fado

*por Tiago Torres da Silva*

O primeiro Festival Amália Rodrigues decorreu no Fundão no passado mês de Outubro. Mas não se pode falar destes três dias em que decorreu o festival de uma forma objectiva. Pelo menos, eu não posso. Porque este Festival não foi bem um festival; foi um aconchego, uma reunião familiar, um abraço que nos foi dado pela alma incomensurável de Amália. A alma de Amália que herdámos nas nossas próprias almas. Ali, o abraço de Amália foi-nos dado pela versatilidade de Nani Medeiros, pela raça de Teresinha Landeiro, pelo futuro que Flávia Pereira encerra na voz, pela infinita sabedoria do canto de Camané, pela alegria contagiante de Joana Amendoeira, pela sábia humildade de Óscar Cardoso, pelo coração que Custódio Castelo traz em cada dedo, pelas palavras impressas em livro de José Barata de Castilho, pela generosidade infinita de Leonel Barata e da sua equipa

O primeiro dia do festival trouxe logo gratas surpresas que começaram com fadistas da região a irromperem pelos restaurantes dentro e a brindarem-nos com actuações verdadeiras e vibrantes dando o mote para tudo o que viria a seguir. E o que viria a seguir não era pouco: Nani Medeiros trouxe-nos um espectáculo onde a versatilidade de sotaques, de ritmos, de linguagens vão-nos fazendo saltar da cadeira a cada nova canção que ela interpreta e onde põe a mesma naturalidade num chôro eternizado pela grande Elizeth Cardoso ou num fado muito antigo roubado ao repertório de Maria Teresa de Noronha. É num misto de espanto e gratidão que a vemos pôr lado a lado a alma musical de Portugal e do Brasil como talvez nunca antes tivéssemos tido a oportunidade de ver.

Teresinha Landeiro sucedeu-lhe no palco. A fadista, que os mais desatentos podem, dada a sua juventude, ainda encarar como uma promessa, é já uma certeza para os aficionados que a perseguem pelas casas de fado onde ela vai tecendo o seu xaile feito de palavras e silêncios, de brilho e introspeção. Ela

é um caso muito sério no mundo fadista, mas quem a conhece sabe bem que a fadista que ela foi tecendo dentro de si é apenas reflexo da mulher que ela é: intensa, verdadeira, uma das melhores letristas de fado da nova geração e totalmente apaixonada por esta estranha forma de vida que é o fado.

A noite continuou na sede do Fado Cale com os músicos felizes da vida, a tocarem sem cansaço, sem enfado, apenas com a alegria de sentirem fazer parte daquele abraço gigante. E ouvimos fadistas da terra e fadistas vindos de longe, e alguém declamou poemas, e se numa noite tivemos a Tânia Oleiro como surpresa, na seguinte tínhamos a Joana Amendoeira trazendo o espírito da tradição das casas de fado para as ruas do Fundão onde Amália nasceu. E só por isso, todos nós estávamos a renascer ali.

O segundo dia amanheceu cinzento. Eu tinha que dar uma palestra sobre Amália e a poesia do Fado, mas fui ficando afónico e, quando chegou à hora da palestra, só me restava um muito ténue fio de voz com o qual tentei levar um bocadinho do que aprendi com Amália. Mais uma vez se provou que o fado não precisa de voz, precisa apenas de coração. E tenho a grata sensação de, mesmo em péssimas condições vocais, ter conseguido chegar a uma plateia que se comoveu comigo porque eu me comovo sempre que falo de Amália. É esse entusiasmo que não permite que o coração alguma vez possa ficar afónico.

Felizmente, a jovem fadistagem que me sucedeu no palco não estava com nenhum problema de voz. Mauro Resende, Tiago Oliveira e Joana Teixeira mostraram-nos a razão de serem já considerados novos talentos no Fado, talentos com qualidade para estarem ali ou em qualquer outro lugar onde o fado é rei.

Depois, navegámos pelas águas do rio Tejo, assistindo ao curioso documentário de Manuel Mozos sobre a rainha do fado onde, durante cerca de uma hora, o realizador segue o trabalho do escultor Domingos de Oliveira, autor da escultura "Guitarra na proa" que homenageia Amália bem em frente ao rio que a fadista dizia ser "um rio que dali a bocadinho já é mar". O equilíbrio entre passado e futuro, renovação e tradição, entre promessas e valores consagrados foi mais uma vez conseguido na noite de sábado em que a sessão noturna teve início com Flávia Pereira a emocionar o público com a sua graça, o seu talento e a sua força interpretativa.

Mas ninguém estava preparado para o que aí vinha. Um verdadeiro tremor de terra tomou conta do Festival quando o artista mais esperado subiu ao palco. Tudo o que se diga sobre Camané é pouco. Camané economiza onde outros esbanjam. Camané contém as emoções, agarra as palavras, apodera-se das melodias e leva tudo isto para dentro de uma lágrima. É impossível testemunhar um milagre como o Camané e ficar igual. Cada concerto é uma lição, um ritual, um mergulho para dentro de nós próprios. Ao ver o Camané ao vivo, as palmas caem-nos dos olhos!

Já com a tristeza da despedida anunciada, levantámo-nos no terceiro dia para um passeio pedestre muito bem condimentado por Pedro Silveira e Pedro Vaz sobre os lugares de Amália no Fundão. E os Amalianos cruzaram-se com guerreiros das Invasões Francesas que "assaltavam" a cidade ao mesmo tempo que nós seguíamoa o percurso da fadista até à belíssima igreja onde José Quaresma nos cantou uma linda Missa Fadista.
A casa dos pais do talentoso músico Sebastião Pereira acolheu uma comitiva gigante para almoçar. E foi como se todos fôssemos família. E, em boa verdade, éra-

mos todos da grande família que é o Fado.
Durante o almoço, Óscar Cardoso dizia entredentes que não tinha grande coisa para dizer na palestra que iria dar a seguir sobre os instrumentos que constrói para o fado e para músicas de outras latitudes. Repetiu vezes sem conta que iria estar dez minutos a falar. Que não era um bom orador, etc.
Bom, quando subiu ao palco, esteve uma hora e meia a dar uma lição de vida absolutamente comovente. Falou do seu ofício, mas também da sua família e principalmente do pai, outro grande luthier com quem aprendeu tudo sobre a vida e sobre o fabrico de instrumentos. Naquela mistura entre vida e profissão, o imenso Óscar Cardoso emocionou toda a gente com a sua maneira de ser tão simples, tão gentil e tão humilde como só os grandes homens sabem ser.

Oscar Cardoso fez instrumentos para quase todos os grandes guitarristas do nosso país. Foi, por isso, muito bonito ver um dos mestres da guitarra portuguesa – Custódio Castelo – a agradecer ao luthier tudo o que ele tem dado à música. Custódio fez uma apresentação que só pecou por ser curta onde, em poucos minutos, mostrou porque é um dos mais singulares instrumentistas do país. No final da actuação chamou a fadista Ana Paula que nos brindou com um "Barco negro" que saía dos dedos de Custódio para a voz poderosa da fadista.

A final do concurso Amália Rodrigues dividiu a sala e a qualidade dos intérpretes transformou a tarefa do júri num trabalho hercúleo. Saiu vencedor Gonçalo Barata que conquistou a sala e os jurados com a sua original interpretação de "Ó careca" popularizado por Amália há mais de cinquenta anos.
Voltámos para nossas casas cientes de que não estivéramos num Festival. Tínhamos todos ido ao Fundão dar um abraço a Amália. E ela retribuiu esse abraço na hospitalidade de cada fundanense, na generosidade de cada músico, na dádiva de cada voz, na partilha de cada palestrante, no sorriso de cada elemento da organização e do incansável Leonel Barata que não conseguiu conter as lágrimas quando subiu ao palco para entregar os prémios do concurso. Tinha estampada na cara a alegria do dever cumprido. Mais que cumprido, o trabalho de Leonel e da sua equipa criaram em todos - do público aos artistas – a vontade de que chegue depressa o próximo ano para uma segunda edição deste magnífico Festival ou, melhor dizendo, deste milagroso abraço.

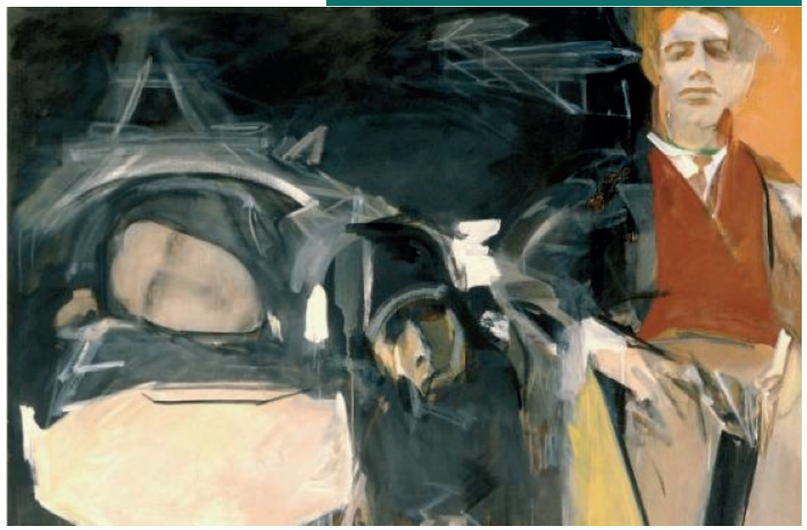
Eu quero ir!





## *IMAGENS DO FADO NA ARTE PORTUGUESA*
## *MUSEU DO FADO*

**27 novembro de 2024 - 23 março de 2025**



Assinalando o aniversário da inscrição do Fado na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO (a 27 de novembro de 2011), o Museu do Fado inaugura a exposição Imagens do Fado na Arte Portuguesa.
Curadoria: Sara Pereira
*Consagrada à presença do Fado nas artes plásticas nacionais, a exposição propõe uma leitura integrada e multidisciplinar das representações do Fado na Arte Portuguesa dos séculos XIX-XXI, reunindo obras de José Malhoa – aqui representado em vários estudos para a emblemática obra O Fado - Columbano Bordalo Pinheiro, Leonel Marques Pereira, Rafael Bordalo Pinheiro, Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana, Domingos Alvarez, Francis Smith, Eduardo Moura, Carlos Reis, Alfredo Roque Gameiro, Raquel Roque Gameiro, Eduardo Malta, Bernardo Marques, Stuart Carvalhais, João Abel Manta, Cândido da Costa Pinto, Leonel Moura, Paula Rego, João Vieira e Júlio Pomar.*
*Ao longo da sua história, o Fado soube sempre assumir-se como um campo de criatividade, dialogando abertamente com outras artes e outros géneros performativos, populares ou eruditos. À luz da representação visual do Fado, poderemos compreender o percurso de evolução e disseminação da canção urbana de Lisboa, nos diferentes períodos cronológicos que presidiram à sua génese e implantação no segundo quartel do século XIX, em Lisboa até à sua consagração como Património Cultural Imaterial da Humanidade, em pleno século XXI.*
*A leitura integrada das representações do Fado na arte portuguesa convoca, inevitavelmente, uma multiplicidade de temas e de discursos, que as artes plásticas e a literatura, invariavelmente, partilharam. Atentando nos programas culturais e artísticos que presidiram à criação das obras e sua fruição por sucessivas gerações, podemos contextualizar motivações e constrangimentos de ordem social, estética, ideológica, simbólica, desvendar itinerários de resistência, acompanhar a fixação e estabilização de ícones e o seu tributo na construção simbólica de uma identidade imagética do Fado, na sua mais lata dimensão memorial.*
*Percorrendo múltiplas geografias simbólicas, o mosaico desta viagem construiu-se também com outros olhares sobre o Fado, plasmados nas obras oitocentistas dos viajantes estrangeiros que fixaram as práticas musicais de Lisboa na pintura de costumes, na quimera agridoce dos nossos modernistas, em visões posteriores de profunda rejeição crítica – de Cândido Costa Pinto a João Abel Manta - ou no olhar contemporâneo de João Vieira e de Júlio Pomar.*
*O itinerário desta viagem tem início no olhar exterior de viajantes de passagem por Lisboa, no século XVIII, e desagua no legado intemporal de Júlio Pomar, um dos grandes criadores da arte moderna e contemporânea que, durante mais de uma década, convocou o Fado para a sua obra plástica e poética.*
*Porque no Fado a ligação ao passado sempre foi impulso de renovação, Imagens do Fado na Arte Portuguesa é um tributo à preservação da memória do Fado enquanto expressão artística plural e sobretudo uma celebração do Fado enquanto património vivo, pleno de memória e de futuro.*

*Obras provenientes das coleções:*
*Atelier-Museu Júlio Pomar, Casa- Museu João Vieira, Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, Fundação Amália Rodrigues, Fundação Portuguesa das Comunicações, Galeria Valbom, Museu da Cerâmica, Museu de Lisboa, Museu do Chiado | Museu Nacional de Arte Contemporânea, Museu José Malhoa, Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, Museu do Caramulo, Museu Nacional Soares dos Reis, Museu Rafael Bordalo Pinheiro, entre outras.*

[de'ki]®
PRODUÇÕES CASEIRAS

**DAKI é para si, e para todos!**
Há 10 anos a transformar matérias-primas locais, em produtos feitos com amor.
**Sinta na pele!**

www.daki.pt | T. 967 207 958

# Ciclo de Fado & Poesia Castelo Branco 2025

O ciclo Paredes-Meias Castelo Branco pretende fomentar a criação de um repertório poético próprio escrito a partir da Beira-Baixa. Repertório esse que obedeça à convenção do Fado e possa por isso, encontrar nas suas melodias tradicionais o lugar perfeito para ser cantado pelas vozes dos fadistas da região e não só.

Em quatro fins-de-semana distribuídos pelo ano de 2025, um dos letristas mais relevante das últimas décadas – Tiago Torres da Silva – partilhará em Castelo Branco com todos os interessados, mais de trinta anos de trabalho regular com fadistas, poetas e músicos de fado. Falar-se-á de estruturas métricas e estróficas, de esquemas rimáticos e de universos lexicais. Tentar-se-á criar uma relação próxima entre os participantes e as melodias tradicionais que podem ir do Fado Menor ao Fado Triplicado; do Fado Varela ao Fado Alexandrino de Jaime Santos. Durante esse período, o letrista convidado tentará apontar caminhos para que os participantes construam poemas singulares, fortes e fadistas, poemas esses que serão interpretados ao vivo no último workshop que se realizará em dezembro.

A par dos workshops que decorrerão em março, maio e setembro, alguns fadistas, conhecidos por darem valor às palavras que interpretam, apresentar-se-ão em terras albicastrenses com 3 concertos, não só para que o público possa usufruir, mas também para que os participantes possam ver em perspetiva os seus poemas em relação com outros cantados pelas vozes de José Geadas, Carlos Leitão e Beatriz Felício.

*NOTA: No universo do Fado, Tiago Torres da Silva escreveu para Ada de Castro, Ana Sofia Varela, António Pinto Basto, António Zambujo, Beatriz da Conceição, Camané, Carla Pires, Carlos do Carmo, Carlos Leitão, Celeste Rodrigues, Cidália Moreira, Cristina Branco, Cristina Nóbrega, Deolinda Rodrigues, Duarte, Dulce Pontes, Francisco Salvação Barreto, Geadas, Gisela João, Hélder Moutinho, Joana Amendoeira, João Braga, Jorge Fernando, Kátia Guerreiro, Lina, Linda Rodrigues, Mafalda Arnauth, Marco Rodrigues, Mª Amélia Proença, Mª Armanda, Mª Emília, Mª João Quadros, Mª José Valério, Mª da Nazaré, Matilde Cid, Nuno da Camara Pereira, Pedro Galveias, Pedro Moutinho, Ricardo Ribeiro, Rita Ribeiro, Rodrigo, Rodrigo Costa Félix, Sandra Correia, Sofia Ramos, Teresa Salgueiro, Tereza Tarouca, Tiago Correia, Zé Manel Barreto entre muitos outros.*

Informações e inscrições:
*programacao@albigec.pt*

PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO:

Câmara Municipal CASTELO BRANCO

FACALE DO

## Concertos

Local: Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco (CCCCB)

JOSÉ GEADAS - 1 MARÇO

CARLOS LEITÃO - 31 MAIO

BEATRIZ FELÍCIO - 6 SETEMBRO

NA VOZ DOS POETAS – 6 DEZEMBRO

## Workshops

Local: Fábrica da Criatividade

TIAGO TORRES DA SILVA

- 1 e 2 de março
- 31 de maio e 1 de junho
- 6 e 7 de setembro
- 5 e 6 de dezembro



BEM AMANHADO
CONSERVAS DE PEIXE DO RIO

EDIÇÕES LIMITADAS

Conservas de Peixe do Rio preparadas e confecionadas com métodos e receitas tradicionais da cozinha portuguesa.

Assente numa pesca artesanal e sustentável, a marca aposta essencialmente em espécies exóticas, numa ótica contributiva para o equilíbrio da biodiversidade dos ecossistemas dulçaquícolas da Península Ibérica, tendo em conta o alto valor e qualidade nutricional destes peixes, maioritariamente magros e ricos em ácidos gordos.

Pretende-se contribuir na recuperação e incremento da arte piscatória fluvial de pequenas populações ribeirinhas, assim como de uma recuperação e de registo do património cultural e gastronómico nacional de iguarias de peixe do rio.

CONSERVEIRA DO INTERIOR

**Loja Online**
www.bemamanhado.pt

PUB

# Há valores que nos ligam sempre

Solidariedade, igualdade, liberdade e democracia. Há 183 anos que o Montepio Associação Mutualista constrói relações de confiança com os seus associados, suportadas nestes valores, ligando pessoas e famílias e contribuindo para uma sociedade mais justa e mais solidária.
Juntos, criamos um futuro melhor para todos.

Montepio
Associação Mutualista

Montepio Geral Associação Mutualista . IPSS. DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681
Sede: Rua Áurea 219 a 241 . 1100-062 Lisboa